

CADERNO DE SUGESTÕES



Livro **Morte e vida severina**



Autoria

Geruza Zelnys

Especialista do Instituto Avisa Lá

Coordenação

Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá

CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Livro

Morte e vida severina

Autor

João Cabral de Melo Neto

Ilustrador e adaptador

Odyr

Indicação

A partir de 15 anos de idade e da 1ª à 3ª série

Gênero literário

História em quadrinhos (HQ)

Conteúdo

Instituto Avisa Lá

Revisão

Angela das Neves

Adriana Moreira Pedro

SUMÁRIO

Carta de apresentação	IV
Por que ler <i>Morte e vida severina</i>?	V
Quem escreveu, adaptou e ilustrou este livro	V
Relevância da obra	VI
Contribuição da obra para a formação leitora	VII
Propostas de mediação	IX
A materialidade da linguagem e a leitura ativa	IX
O gênero história em quadrinhos e a geografia no papel	XI
A morte como dilema ético e social	XII
Identidade: sertanejo retirante	XIV
Atividades e Projetos literários	XV
Atividades	
O registro do caminho	XV
Roda de conversa: a vida como resistência	XVI
O rosário severino	XVII
Projetos	
Slam “Que ladainha é essa?”	XVIII
Somos tantos severinos: intervenção artística	XIX
Recursos complementares	XX
Referências bibliográficas	XX

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

Este *Caderno de sugestões* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro ***Morte e vida severina*** para os leitores das três séries do Ensino Médio e a partir de quinze anos de idade. Ele começa com uma apresentação do livro e do autor, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

Morte e vida severina, de João Cabral de Melo Neto, adaptado e ilustrado por Odyr, é uma história em quadrinhos que surpreenderá os leitores, sobretudo na etapa do Ensino Médio, pois originalmente se trata de um longo poema que conta a saga do retirante Severino, que deixa o agreste rumo à cidade de Recife e, nesse caminho, multiplica-se em muitos, de mesmo nome e mesma sina. A adaptação de Odyr atualiza a cena de migração — e morte — nordestina marcada com imagens de refugiados contemporâneos, como os imigrantes africanos, que tentam chegar à Europa pelo mar Mediterrâneo, e os milhares de mortos pela pandemia de covid-19. Assim, a obra provoca um impacto estético, tanto pela linguagem poética e rigorosamente rimada de João Cabral quanto pelos traços aquarelados que diluem os corpos nas paisagens ao longo do curso do rio Capibaribe. Ao mesmo tempo, causa um impacto ético, ao refletir sobre a dignidade humana diante da desigualdade social e da condição de marginalização dos migrantes — uma condição que se amplia nos territórios onde a morte devora a vida.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e em outros espaços educativos.

Bom trabalho!

POR QUE LER *MORTE e VIDA SEVERINA*?

Morte e vida severina (1956) é o poema mais famoso de João Cabral de Melo Neto e, nesta edição, ganhou traço, cor e adaptação das mãos do artista Odyr. O poema, de estrutura dramática, foi encenado em 1965 na inauguração do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA), comovendo plateias. Entretanto, logo após sua estreia, foi censurado, assim como a música “Funeral de um lavrador”, de Chico Buarque, que também tornou-se emblemática e ficou anos sem tocar nas rádios. Nesta história em quadrinhos, ao lado de João Cabral e Odyr, acompanha-se novamente a jornada de Severino, retirante que, como tantos outros, é forçado a migrar de sua terra em busca de trabalho, saúde, moradia e condições mais dignas de vida. Sua trajetória, desenhada como uma via-sacra marcada pela presença constante da morte, o coloca em contato com lavadeiras, rezadeiras, trabalhadores rurais e coveiros, com os quais conversa sobre a má sorte e o peso da sobrevivência. A narrativa convida a uma reflexão profunda sobre a luta por existir no Nordeste, uma região que, na obra, se amplia por meio das ilustrações, que evocam rostos de diversos lugares do mundo e registram, de forma comovente, a memória de um tempo pandêmico.

Quem escreveu, adaptou e ilustrou este livro

João Cabral de Melo Neto nasceu em 1920 e faleceu em 1999 como um dos maiores poetas brasileiros. Diplomata e dono de uma estética singular, ficou conhecido pelo rigor da escrita, pela poder de concisão e pelo abandono ao sentimentalismo. Nesse sentido, sua origem pernambucana autoriza a dizer que João Cabral trouxe a aridez do sertão nordestino para sua poética: a seca e a miséria se traduzem em sua escrita precisa e objetiva. Sua obra se destaca pela construção meticulosa dos versos como os poemas *O Cão sem Plumas* (1950), ou **Morte e vida severina** (1955). Durante sua trajetória, o autor ganhou vários prêmios literários, entre eles o Prêmio Neustadt, em 1992, e o Prêmio Camões, em 1990.

Odyr Bernardi, conhecido artisticamente como Odyr, é um artista gaúcho nascido em Pelotas, em 1967, reconhecido por suas adaptações de obras clássicas para os quadrinhos. Colaborou com tirinhas e ilustrações em diversos jornais brasileiros, como *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Le Monde Diplomatique Brasil*. Entre 2005 e 2008, foi responsável pelas capas da obra de Millôr Fernandes, além de participar como quadrinista das coletâneas *Irmãos Grimm em Quadrinhos* (2008) e *MSP 50* (2024). Publicou os romances gráficos *Copacabana* (2009) e *Guadalupe* (2012), consolidando seu estilo expressivo e engajado. Sua adaptação de *A Revolução dos Bichos* (2018), de George Orwell alcançou projeção internacional, sendo publicada na Itália, Espanha, Estados Unidos, Reino Unido e Romênia. Essa obra lhe rendeu o 31º Troféu HQ Mix na categoria “Melhor Adaptação para os Quadrinhos”.

Relevância da obra

Ler um livro é como mergulhar em um universo paralelo. Paradoxalmente, esse mergulho permite enxergar com mais nitidez do que muitas vezes se percebe ao redor — como se, ao abrir o livro, estivéssemos olhando o mundo através de uma lupa: vemos refletidas nas personagens as complexidades das relações afetivas.

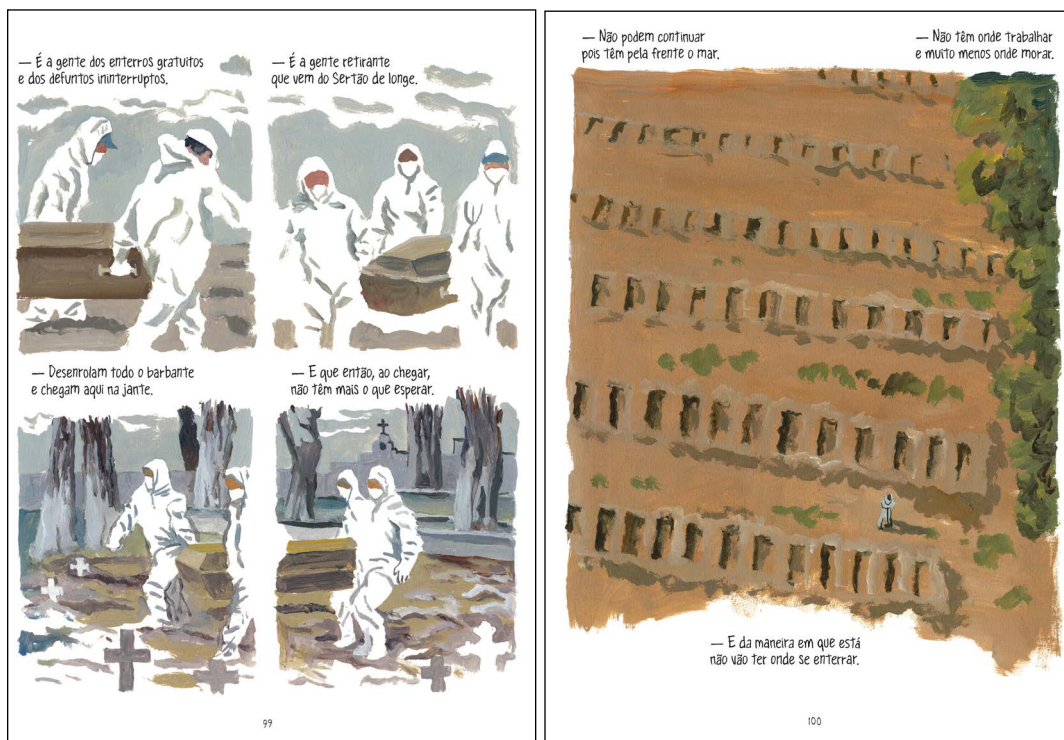
Por isso, conduzir uma mediação de leitura é, antes de tudo, **“transmitir suas paixões [do(a) educador(a) mediador(a)], suas curiosidades, questionando seu lugar, seu ofício e sua própria relação com os livros”** (Petit, 2013, p. 37). É esse, portanto, o convite da mediação: deixar-se envolver por uma história que, embora já familiar por meio do poema original, ganha novas nuances e possibilidades ao se expandir na adaptação visual.

O poema de João Cabral adquire ainda mais força visual com as pinturas acrílicas, que dispensam contornos rígidos e imprimem movimento às páginas, materializando os deslocamentos das personagens no espaço. Essa escolha formal se intensifica na ausência de quadros ou enquadramentos tradicionais, o que liberta as cenas na espacialidade da página em branco — criando uma fusão entre espaço e tempo, como se as ações se repetissem indefinidamente, em um tempo suspenso. A profundidade do poema também é ressaltada por essa estrutura: sem o uso de balões ou caixas de texto, mas apenas com traços indicativos, a narrativa explora de forma sutil e complexa a tensão entre liberdade e deriva sobre a página. Observe o exemplo:



A falta de enquadramento e contornos contribuem para o movimento das páginas, p. 61.

Ademais, a adaptação se atualiza por meio de referências contemporâneas que conectam a personagem Severino não apenas aos seus conterrâneos, mas também a outras realidades marcadas pela exclusão e pelo sofrimento — como as das vítimas da crise migratória global e da pandemia de covid-19. Dessa forma, a obra se abre a múltiplas possibilidades de diálogo.



Referência à pandemia de covid-19, p. 99-100 .

O livro aborda, ainda, questões profundamente fraturantes, como o assassinato e o suicídio, que, embora não se concretizem, permeiam os pensamentos de Severino. Ao chegar no Recife, ele se depara com a constatação de que sua situação permanece inalterada: não há trabalho, não há comida, e sua condição de retirante se funde à sua identidade. Esses são temas que exigem uma mediação crítica e consistente, que envolva, acima de tudo, uma disposição para uma escuta aberta e democrática. Trata-se de um debate, sem dúvida acalorado, sobre um dilema ético que, aqui, se reflete também em uma questão social.

Para completar, esse é um livro que contribui significativamente para a formação leitora dentro da temática “populações do campo, das águas e das florestas”, pois permite acessar em profundidade — nas dimensões social, psicológica, filosófica e ecológica — a relação intrínseca entre o indivíduo e o meio, e os modos como um e outro se moldam.

Contribuição da obra para a formação leitora

Como obra capaz de despertar experiências sensíveis e intelectivas, **Morte e vida severina** traz uma contribuição essencial para o desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos,

tanto na escola quanto em bibliotecas públicas e comunitárias. Essa educação dos sentidos e para os sentidos se firma na mediação consciente de ser “gesto” tanto político quanto poético, como sustenta Felipe Munita (2024), apostando na inteligência — para buscar pistas e elementos no texto — e na sensibilidade do leitor – para transformá-los em significação, ou seja, em interpretação que extrapole os limites do livro e reverbere em atos transformadores e de cidadania.

A adaptação para a estética dos quadrinhos de **Morte e vida severina** torna esse clássico da literatura brasileira mais acessível aos leitores que, embora estejam inseridos na cultura visual, ainda precisam de orientações específicas para a leitura de textos verbo-visuais, uma vez que, na leitura dos espaços entre as palavras e as imagens, se adquire competências e habilidades para ser um leitor crítico de livros, de vidas e do seu próprio tempo.

O que se deve esperar, afinal, da experiência com este livro? A simples união entre a leitura de fruição e o aproveitamento estético — tanto visual quanto poético — já seria motivo suficiente para justificar a leitura da adaptação de **Morte e vida severina**. No entanto, além disso, a obra criada pelo quadrinista gaúcho oferece ao jovem leitor a oportunidade de adentrar, por meio de uma nova linguagem, a dura realidade não apenas de um, mas de inúmeros Severinos espalhados pelo mundo.

A leitura oferece uma narrativa profundamente brasileira, que incorpora traços sociológicos, culturais, históricos, regionais, antropológicos e geográficos do Nordeste, e promove o contato com a literatura, não apenas em seu formato canônico, mas também por meio da potência expressiva da linguagem híbrida entre os códigos verbal e visual. É fundamental destacar a importância desse gênero na formação do leitor, já que, além de ser uma porta de entrada acessível para a leitura, ele adquire novas camadas de relevância no Ensino Médio — quando passa a ser explorado de forma mais crítica, reflexiva e estética, contribuindo para o desenvolvimento de múltiplos letramentos.

O livro inclui, como complemento à obra em quadrinhos, o texto integral do poema de João Cabral de Melo Neto, permitindo aos leitores realizar o caminho inverso ao trilhado por Odyr: da adaptação visual ao original escrito. Essa proposta possibilita observar com mais atenção as escolhas e os procedimentos adotados pelo artista. Além disso, permite compreender o quadrinista também como leitor do poema — um leitor que interpreta, seleciona e transcreve, encontrando estratégias visuais para representar aquilo que o texto não explicita.

PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

Existem, segundo a educadora argentina Cecilia Bajour, “**modos específicos de entrar nos textos**” (2012, p. 64), que são as chaves de leitura. Como a chave que abre uma porta, uma chave de leitura nos insere numa obra literária. Assim como podemos escolher diferentes maneiras de entrar em uma casa, também há múltiplas formas de adentrar um texto, favorecendo a compreensão leitora. Essas “chaves de entrada” são essenciais para planejar a conversa entre os leitores, garantindo que todos possam usufruir plenamente da obra e ampliar os sentidos construídos ao longo da leitura. Além disso, no processo de mediação, é possível que novas portas se abram — entradas propostas espontaneamente pelo próprio grupo de leitores (*Ibid.*, p. 64).

Com foco em temas como migração, desigualdade social, religiosidade, ciclo de morte e vida, relação entre humano e natureza, **Morte e vida severina** inspira a construção de diálogos críticos que encontrarão na história em quadrinhos ponto de apoio para refletir e socializar experiências estéticas e pessoais. Por isso, é importante que “**os leitores possam traçar caminhos desconhecidos e onde terão disponibilidade para discutir sobre essas leituras**” (Petit, 2013, p. 37) a fim de entender a sociedade em sua complexidade ética.

A materialidade da linguagem e a leitura ativa

Antes da leitura, é recomendável iniciar com uma roda de conversa sobre os livros que o grupo já leu, criando um espaço de troca que favoreça o engajamento e desperte memórias leitoras. Em seguida, é oportuno apresentar brevemente os autores responsáveis pela criação da história em quadrinhos, além de contextualizar o momento histórico, político e religioso presente no poema original de João Cabral de Melo Neto. Uma estratégia eficaz é realizar a leitura coletiva da primeira parte do poema — incluído na íntegra ao final do livro — como forma de aproximar os leitores da linguagem cabralina e reconhecer elementos já consolidados no imaginário cultural.

Essa é uma oportunidade valiosa para explorar o estilo singular do autor, que opta por uma linguagem direta e austera ao abordar temas como a pobreza, a fome e o sofrimento, em contraste com o lirismo tradicional, geralmente voltado à emoção e à subjetividade. A materialidade da linguagem, aqui, se destaca tanto no conteúdo quanto na forma. Por exemplo, para reforçar a ideia de coletividade, Odyr multiplica os Severinos na capa e ao longo da narrativa visual; e ao selecionar trechos do poema, suprime partes mais descritivas, que passam a ser comunicadas com força pela imagem. Assim, o texto e a ilustração se complementam, revelando escolhas conscientes de leitura e adaptação.

Seria interessante comentar outros títulos que também retratam as dificuldades do sertanejo, como *Vidas Secas* (1938) e *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos; *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha; *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa; entre outros.

Ainda como paratexto, chama atenção o fato de que a adaptação em quadrinhos não utiliza o subtítulo presente na versão original do poema. No entanto, é importante comentá-lo: “*Um auto de natal pernambucano*” remete ao gênero teatral dos autos medievais, tradicionalmente utilizados para transmitir ensinamentos cristãos. A partir desse subtítulo, já se delinea a estrutura dramática da obra, marcada por diálogos, repetições e elementos que evocam o coro típico dessas peças. Assim como nas obras de Gil Vicente, a história em quadrinhos carrega uma mensagem simultaneamente religiosa e crítica, culminando na cena final com o nascimento da criança — símbolo de renovação e esperança diante da dura realidade vivida pelos Severinos.

Após essa conversa inicial, é oportuno dirigir um olhar atento à capa da obra, que multiplica a figura do sertanejo, tornando-os visualmente semelhantes entre si. Quem, afinal, é o protagonista? Qualquer um — ou todos —, pois são Severinos com o mesmo destino de retirante. Nesse sentido, a capa sugere uma identidade coletiva, marcada pela repetição e pelo anonimato. A imagem dialoga ainda com as aves de arribação, que surgem no alto da página em branco antes mesmo da epígrafe: migrantes, assim como os nordestinos, cruzam os céus em busca de sobrevivência, antecipando o tom da narrativa que se seguirá.

A leitura da epígrafe do poema “*O rio*” (p. 5) pode servir como ponto de partida para um diálogo significativo com o grupo sobre os caminhos que cada um está trilhando. Vale destacar que, nesse célebre poema de João Cabral, o protagonista é o próprio Capibaribe, que narra sua trajetória aos que vivem às suas margens. Esse espelhamento é particularmente interessante na obra, pois a epígrafe atua como um afluente simbólico do curso mais amplo que é **Morte e vida severina**. A partir disso, é possível propor perguntas em torno da metáfora do caminhar, favorecendo a identificação entre os leitores e os personagens — retirantes que, assim como muitos de nós, percorrem trajetórias marcadas por desafios, buscas e esperanças.

A partir daí, é recomendável fazer a leitura compartilhada das partes iniciais com paradas estratégicas para discussão do conteúdo e das escolhas estéticas, ajudando a “**prestar atenção ao funcionamento interno do texto, aos seus recursos estético-literários mais significativos, aos mecanismos e procedimentos pelos quais ele prende a atenção**” (Munita, 2024, p. 114). As partes recomendadas para a leitura individual também devem ser discutidas em momento oportuno, com pontos já selecionados por você em leitura prévia.

A obra é composta de 18 partes, que podem ser lidas como cenas curtas, acompanhando a trajetória de Severino do sertão até o Recife. A cada parada desse percurso, recomenda-se propor questões que incentivem os leitores a colocar a narrativa em movimento, tendo como eixo a categoria central em que o livro se insere: a relação do ser humano com o meio em que vive. Essas perguntas podem também funcionar como estratégias de compreensão leitora, especialmente quando aplicadas individualmente.

A seguir, apresentam-se algumas sugestões voltadas às primeiras partes da obra, passíveis de adaptação e ampliação conforme o perfil do grupo. Os títulos das sessões podem agrupar mais de uma parte do texto e ser organizados a partir de uma ideia central:

1. *Apresentação de Severino*: Quais são as motivações, geográficas e políticas, da personagem para deixar sua terra?
2. *Dois homens e um defunto*: O que se pode inferir sobre a vida no sertão?
3. *A viagem e o rio Capibaribe*: Qual é a relação entre a geografia e a religiosidade da personagem?
4. *Mais um defunto*: A repetição da morte traz qual reflexão sobre o sertão?
5. *Reflexão sobre a morte e busca por trabalho*: Como Severino aprende sobre morte e vida observando a natureza?

Se considerar adequado, você pode intercalar a leitura compartilhada com a leitura autônoma, com algumas retomadas colaborativas para troca de impressões e atribuição de sentidos, sabendo de antemão que **"o leitor não consome passivamente um texto"** (Petit, 2013, p. 27).

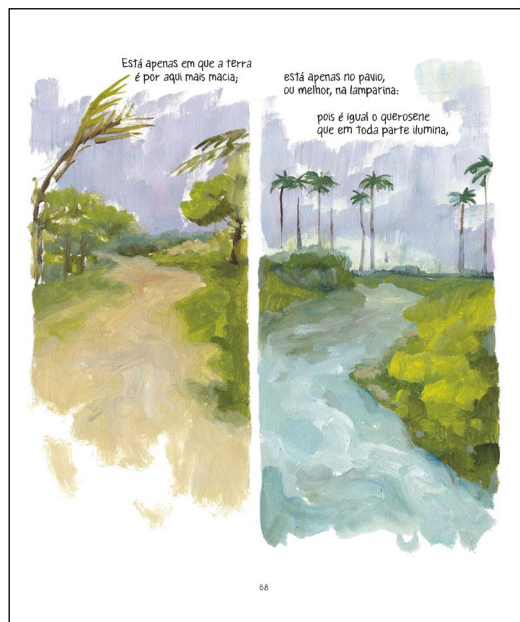
O gênero história em quadrinhos e a geografia no papel

O gênero história em quadrinhos ganha sua força na interação entre palavra e imagem. Caracteristicamente, as histórias em quadrinhos são compostas de diálogos curtos, encapsulados em balões de diferentes formas, muitas vezes acompanhados de uma linguagem espontânea e informal, com marcas de oralidade e traços gráficos que sugerem entonação, conferindo dramaticidade às cenas.

No entanto, nesta obra, a relação entre palavra e imagem se intensifica, pois não há interferência no texto: ausentes os balões ou marcadores de expressão, o texto poético de João Cabral se apresenta, ora sobre o fundo branco, ora sobre o colorido das pinturas. Enquanto o fundo branco amplia e abre espaço para a reflexão sobre o destino da personagem, as tintas, por sua vez, vão tecendo a textura dessa geografia, criando cenários que se derramam pela página, como o próprio curso de um rio.

Há uma interessante complementaridade entre a linguagem objetiva e realista do texto verbal e os traços impressionistas de Odyr. Enquanto o texto verbal, com sua precisão, ressalta a crítica social, os desenhos evocam uma experiência sensorial mais emotiva. No entanto, embora Odyr utilize traços que remetem ao impressionismo, é possível perceber uma diversidade de estilos pictóricos ao longo da obra. Ele emprega linhas mais soltas para construir as paisagens, traços finos para capturar expressões e, por vezes, contornos chapados, sem expressão, que reforçam a ideia de distanciamento emocional. Além disso, o uso de contornos que remetem à metalinguagem sugere que estamos diante de uma obra artística em

si mesma, refletindo sobre o próprio processo de criação. Essa multiplicidade de recursos entra em confronto com a visão equivocada de que a vida, assim como a paisagem do sertão, é homogênea ou uniforme, desafiando a ideia de uma realidade estática e sem diversidade. Observe um exemplo:



O contraste entre a linguagem, mais concreta e as ilustrações impressionistas exemplificam a heterogeneidade da vida no sertão, p. 88.

A morte como dilema ético e social

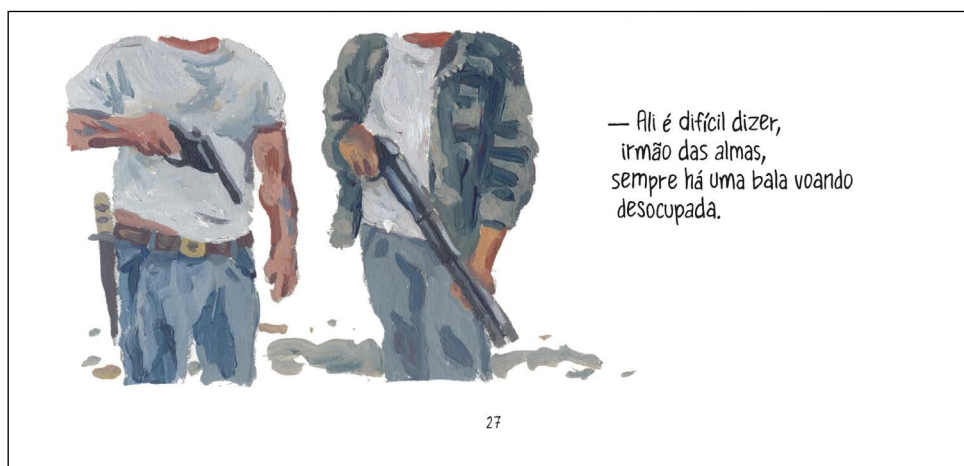
A morte, tema muitas vezes considerado tabu e fraturante, tem profundas implicações éticas e sociais em **Morte e vida severina**, abrindo espaço para uma discussão ampla sobre a difícil questão: “O que é mais doloroso na jornada de um Severino: viver ou morrer?”. Essa pergunta toca um tema delicado e tabu em nossa sociedade: o suicídio. Severino considera essa saída, pois não vê alternativa para o sofrimento que o consome. Caso levasse adiante essa ideia, estaria infringindo a ética das relações humanas, mas o que o conduz a tal reflexão é a epidemia da fome, que se agrava pela injustiça e pelo abandono social, colocando-o em uma situação de impasse. A migração, nesse contexto, se torna uma busca desesperada por uma saída que nunca se apresenta.

A repetição da morte, com sua presença constante ao longo da história em quadrinhos, faz com que ela pareça mais uma fatalidade imposta do que um ato de vontade ou liberdade. A obra, portanto, nos convoca à responsabilidade coletiva diante da desigualdade social que pode levar a destinos trágicos. Ela nos obriga a refletir sobre como nossa sociedade lida com os mais vulneráveis e como as estruturas de poder contribuem para o sofrimento que, muitas vezes, se torna insuportável.

Se isso ocorre no Brasil, tanto no Nordeste de ontem como no de hoje, também se espalha pelo mundo, já que as ilustrações de Odyr, como já mencionado, apresenta refugiados do Oriente Médio e do continente africano que tentam chegar à Europa pelo mar, representando imagens que se tornaram emblemáticas e foram amplamente divulgadas na mídia. Desde aí, especula-se a importância de se refletir não apenas sobre quem são esses severinos, mas, especialmente, quem se beneficia com suas mortes. Morte mais do que biológica: morte social, porque está ligada à cidadania, à dignidade.

Uma discussão interessante diz respeito aos motivos da migração que vemos em **Morte e vida severina**, escrito na década de 1950, quando a seca atingia em cheio a região nordeste, e o Brasil enfrentava a fome como um problema estrutural. Mas, e quanto ao cenário de hoje? Vale a pena refletir em que medida o cenário se mantém, mas também em que medida se modificou; afinal, o perfil migratório em nosso país mudou? Talvez indicar uma pesquisa mais aprofundada sobre isso possa enriquecer muito a leitura do livro.

Para aprofundar as questões levantadas aqui, pode-se recorrer a pensadores como Achille Mbembe, que desenvolve o conceito de necropolítica para discutir quem detém o poder de decidir quem deve morrer na sociedade; e Judith Butler, que aborda o tema sob a ótica das “vidas precárias”. Essas “vidas precárias” correspondem aos anônimos de **Morte e vida severina**, personagens cujas existências são materializadas por Odyr por meio de uma estética de corpos magros, muitas vezes desprovidos de traços distintivos no rosto ou, em alguns casos, sem cabeça. Dessa forma, a obra ilustra como a fome, assim como a impunidade, é desprovida de rosto, revelando a violência estrutural que a invisibiliza e torna banal, como pode ser visto na página 27.



A impunidade é ilustrada sem o rosto.

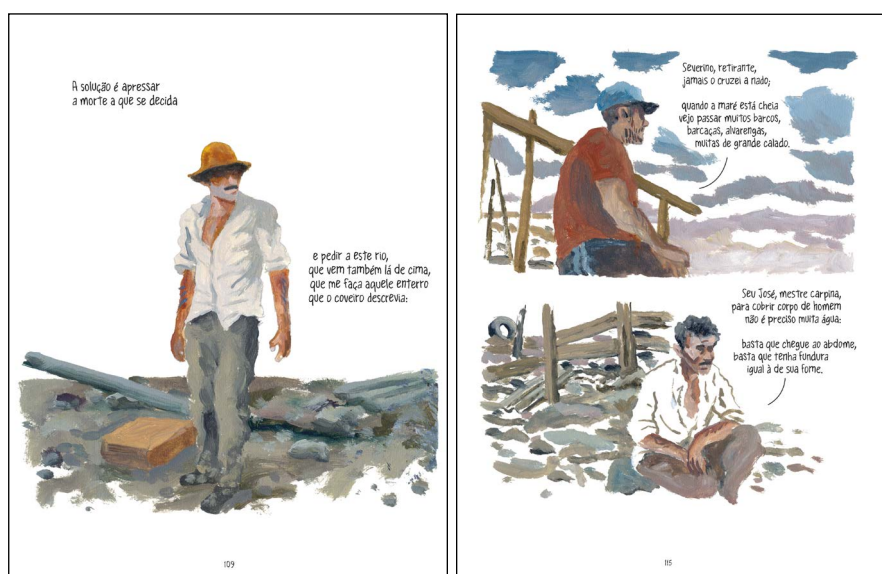
É importante considerar aspectos decisivos para uma boa mediação de temas fraturantes, como a criação de um ambiente seguro, de cuidado, de escuta atenta e de responsabilidade. Então, sugere-se a preparação emocional e teórica do(a) educador(a) mediador(a), para que não seja surpreendido(a) por um potencial caso de suicídio entre os jovens leitores, seja uma

intenção exposta no grupo ou de suicídios de pessoas próximas. Para isso, recomenda-se também a leitura de orientações que podem ajudar nos encaminhamentos no *site* do Ministério da Saúde, disponível em: <https://bit.ly/3YGKoG0> (Acesso em: 26 maio 2026). É fundamental que a discussão esteja focada em narrativas de sobrevivência e resistência, sempre direcionando a reflexão sobre o valor da vida mesmo diante dos problemas.

Identidade: sertanejo retirante

Uma importante chave para mediar a leitura de **Morte e vida severina** é analisar, ao longo da obra, como se dá a construção, desconstrução e reconstrução da identidade do sertanejo retirante. Ele inicia o processo com a apresentação do seu nome que, de substantivo próprio, passa a ser adjetivo.

Assim, ao passo que a “identidade sertaneja” e “identidade retirante” vão se enrijecendo, a subjetividade vai se diluindo e se conformando aos limites. Esse contínuo deslocamento, portanto, é elemento gerador de crise: destituído de humanidade, o homem passa a se identificar com o meio, mas não com a natureza enquanto abertura, e sim com o aspecto determinista. Isso se evidencia, por exemplo, quando deseja ser enterrado pelo rio:



Passagens que representam o desejo do protagonista de ser engolido pelo rio, p. 109 e 115.

Esse determinismo está também ligado a uma noção linear de história em que os fatos se encadeiam um ao outro mais por necessidade do que por alguma forma de prazer. É justamente por isso que a obra finaliza com o nascimento: um rasgo no tempo, uma possibilidade. Mas, nesse ponto, a história acaba, pois continuá-la pode ser encontrar mais uma vez o caráter cíclico da seca e da vida de Severino, retirante muito bem simbolizado na imagem do rosário carregado pela rezadeira e sobre a qual as atividades a seguir deliberarão.

ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

A proposta de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora tenha muitos pontos em comum, apresenta diferenças importantes. Na escola, a leitura literária é articulada ao currículo e à progressão das aprendizagens leitoras, muitas vezes por meio de leituras recomendadas. Além disso, tanto em sala de aula como na biblioteca escolar, há um acompanhamento contínuo do grupo de leitores, o que permite observar sua trajetória de leituras ao longo do tempo. Já nas bibliotecas públicas e comunitárias, a composição dos grupos é flexível, com participação variável e maior diversidade de perfis. Todos os contextos compartilham o objetivo de formar leitores críticos e autônomos, fortalecendo uma relação duradoura com a leitura. As sugestões de atividades e projetos deste caderno visam ampliar sentidos construídos na leitura e podem ser ajustadas a cada situação.

Atividade **O registro do caminho**

Essa atividade se baseia nos procedimentos estéticos do quadrinista Odyr, propondo uma reflexão sobre as diferenças entre o realismo e o impressionismo, seja na arte pictorial, seja na verbal. Sugere-se uma pesquisa sobre o tema no qual os leitores entrarão em contato com diferentes artistas desses movimentos, a fim de voltar à obra **Morte e vida severina** investigando possíveis diálogos. A ideia é que se deem conta de que esses movimentos têm estéticas e objetivos distintos, por isso seria interessante trazer duas obras para discussão, por exemplo, *Plantadores de batata* (1861), de Jean-François Millet, e *Impressão, nascer do sol* (1872), de Claude Monet. Quais são as diferenças e semelhanças entre os estilos e as técnicas desses pintores? A partir dessa conversa e ao voltar para a obra de Odyr, os leitores perceberão a mistura das técnicas, pois convivem com a imprecisão impressionista (pinceladas mais soltas, com foco na luz e no movimento), em contraste com os traços mais precisos que, como o tema retratado, estão mais próximos do realismo, pois foca na busca por trabalho, nas classes populares e nos temas sociais.

A partir disso, os participantes serão convidados a traçar um mapa do caminho trilhado pelo retirante, uma linha que, assim como a imagem do rosário tão cara ao livro, segue pelos lugares percorridos seguindo o curso do rio Capibaribe, desde sua nascente até sua chegada ao mar, a fim de observar as regiões retratadas no livro. Feito isso, eles se dividirão em grupos para pesquisar mais imagens desses lugares na internet e poderão criar, com base no estilo de Odyr, a ilustração de um ou mais pontos que acharem interessantes para exporem em murais na escola ou na biblioteca.

É interessante que a exposição seja aberta com uma apresentação ao público (da escola ou comunidade) na qual os participantes possam falar sobre o processo de pesquisa e criação baseados na leitura do livro. Pode-se ler partes da obra, associando-as às referências pesquisadas e seguir com uma visita guiada pelas ilustrações expostas com comentários explicativos dos seus respectivos autores.

Atividade Roda de conversa: a vida como resistência

Como discutido na seção *Propostas de mediação Severino*, diante do sofrimento extremo que vivencia e presencia ao longo de sua trajetória, chega a se perguntar se ainda vale a pena insistir em viver — e cogita tirar a própria vida. Naquela seção, foram apresentadas orientações específicas sobre como conduzir a mediação diante de um tema tão sensível, e esta atividade, em particular, convida o leitor a se deter no nascimento como símbolo de resistência.

Ao final da obra, o sertanejo é surpreendido pelo nascimento de uma criança, gesto que devolve uma centelha de esperança a todos os Severinos que enfrentam a desigualdade e a miséria. O livro, no entanto, não oferece uma solução definitiva — ao contrário, propõe a vida como forma de resistência. Esse desfecho pode (e deve) ser discutido tanto do ponto de vista ético quanto poético: estaríamos diante de uma redenção ou apenas de mais uma repetição do ciclo de sofrimento?

Partindo dessa provocação, propõe-se a realização de uma roda de conversa em que os participantes possam refletir e compartilhar suas percepções sobre o futuro da criança que nasce ao final da obra. Pode ser interessante imaginá-la vivendo a partir dos dias de hoje, mas também é instigante pensá-la como uma pessoa idosa, caso tivesse nascido na época em que o texto foi escrito. Que caminhos teria percorrido? Quais dilemas e desafios enfrentaria ao longo da vida? E, sobretudo: que tensões sociais, políticas e existenciais foram — ou não — resolvidas ao longo de sua trajetória? Esse exercício de imaginação crítica permite ampliar o alcance da obra e aproximá-la das experiências concretas dos leitores, conectando passado, presente e futuro numa mesma linha de reflexão.

Com base nessa discussão, propõe-se uma atividade de escrita criativa: e se essa criança, agora idosa, pudesse visitar seu passado e deixar uma mensagem ao mundo? O que ela diria após tudo o que viveu? Ou, ao contrário, se ainda criança, soubesse o futuro que a espera, o que teria a dizer ao mundo?

A partir da roda de conversa, os participantes serão convidados a escrever uma carta, inspirando-se em passagens do livro — seja por meio de citações diretas ou paráfrases —, e a compartilhar sua leitura em voz alta com o grupo. A produção textual deve considerar os elementos fundamentais do gênero carta: a escolha de um destinatário (real ou simbólico), uma saudação inicial, o desenvolvimento da mensagem, o fechamento e a assinatura, que pode ser verdadeira ou ficcional.

Sugere-se, no entanto, que o foco não esteja nas normas gramaticais, mas nos aspectos

emocionais e afetivos do texto — pois é justamente aí que reside a marca única de cada autor. A carta, nesse contexto, torna-se não apenas uma atividade de escrita, mas um espaço de expressão sensível, ética e poética, capaz de ressoar coletivamente.

Atividade **O rosário severino**

Essa atividade baseia-se na relação entre fé e crenças populares representadas no livro. Antes de tudo, é importante frisar que a atividade não fere os princípios de liberdade religiosa, muito ao contrário, pretende que a mediação de leitura ocorra de forma sensível, laica e potente.

Sendo assim, sugerimos mostrar que o rosário é uma imagem muito simbólica na jornada de Severino e está intimamente ligado à fé popular e à resistência. Ou seja, mais do que religião, o que temos em **Morte e vida severina** é uma fé na linguagem e na reza como instrumento de permanência e continuidade. Estruturado nos mistérios dolorosos e gozosos, o rosário, portanto, materializa a repetição, a circularidade, o silêncio meditativo, as pausas entre uma conta e outra. Trata-se mais do que de uma procissão, mas de uma peregrinação sobre o corpo doloroso da terra:



A procissão é retratada como uma peregrinação, p. 35-37.

Trazer aqui a imagem do rosário é importante porque ela se coaduna nessa obra ao gênero textual que é a ladainha, ou seja, uma forma de oração dialogada que é muito popular no sertão nordestino, onde se reúnem vizinhos, amigos e compadres para cantá-las intercalando uma voz que chama o coletivo à participação. Por isso, a proposta é associar a leitura da história em quadrinhos a outros trechos de ladainhas populares, explicando a relação com a cultura nordestina e dando ênfase aos aspectos poéticos, como a repetição, invocação e súplica, que fazem dessa modalidade discursiva uma prática meditativa e encantatória.

Na sequência, propõe-se uma pesquisa sobre formas de expressão poética popular presentes em diferentes tradições culturais, como mantras orientais, cantos indígenas, pontos afro-brasileiros, entre outras. O desafio será adaptar um trecho do livro a uma dessas estruturas, criando uma forma poética híbrida. No entanto, o foco da atividade não deve estar no produto final da adaptação, mas no processo que ela desencadeia: a conversa, o reconhecimento e a valorização dessas tradições como espaços de memória, resistência e espiritualidade — e não apenas como recursos estilísticos.

Nesse percurso, é fundamental contextualizar cada manifestação escolhida, compreendendo suas origens, seus sentidos e sua importância cultural. A seleção dos trechos do livro a serem adaptados pode se concentrar em temas que dialoguem diretamente com essas tradições: natureza, luta, ancestralidade, fé e comunidade são elementos recorrentes nos pontos afro-brasileiros, nos cânticos indígenas e nos mantras, e podem servir de base para composições que lembrem ladainhas ou rezas, gerando formas poéticas híbridas e significativas.

Projeto *Slam* “Que ladainha é essa?”

Esse é um projeto que incorpora a última atividade “O rosário severino” e a expande para um *slam* aberto ao público da escola ou da comunidade. A proposta aqui é que os participantes criem ladainhas severinas a partir de 10 cenas selecionadas da história em quadrinhos, pois, assim como as rezadeiras transformam, com suas súplicas, as dores do povo, a ideia é transformar a dor de Severino em poesia política, ou seja, em palavra de força e resistência.

Assim, para cada cena selecionada, será criado um grito coletivo, nos moldes de uma “oração” por justiça — por exemplo: uma ladainha da fome, da periferia, dos esquecidos, dos invisibilizados, entre outras. A ideia é construir, a partir da leitura e análise da obra, composições que misturem denúncia, memória e esperança, em uma forma poética e performática.

É fundamental retornar ao livro e observar com atenção o uso das repetições, o ritmo imposto pelas pausas, a cadência dos versos e a força do coro coletivo — marcas estruturantes do texto de João Cabral. Uma boa estratégia é escolher um verso-chave de determinada cena e, a partir dele, construir os demais, respeitando a musicalidade e o caráter invocativo da ladainha.

Vale lembrar aos participantes que o termo “ladainha” também pode remeter, em sentido irônico, a uma fala recorrente que nunca se concretiza — como muitos discursos políticos que prometem, mas não cumprem. Esse duplo sentido pode enriquecer ainda mais a criação.

Ao final, sugere-se realizar uma apresentação pública do projeto — um evento que pode ser organizado no espaço da escola ou da biblioteca, aberto não apenas à comunidade escolar ou aos frequentadores habituais, mas ao público em geral. A divulgação pode ser feita por meio de cartazes, redes sociais e convites locais. É importante que o evento dê visibilidade ao processo formativo e artístico desenvolvido com a leitura da história em quadrinhos **Morte e vida severina**, destacando os sentidos construídos a partir da obra e do protagonismo dos leitores-criadores.

Projeto **Somos tantos severinos: intervenção artística**

Esse projeto tem como objetivo uma intervenção artística para apropriação da realidade da comunidade local com base na trajetória de Severino, buscando reconhecer, escutar e apresentar vivências de exclusão e sobrevivência. Depois da mediação de leitura proposta ao longo deste caderno, sugere-se que os participantes do projeto sejam estimulados a pensar sobre os severinos e severinas com os quais esbarramos todos os dias, seja na escola, na biblioteca e mesmo na comunidade. Haja vista que Severino é uma coletividade e representa outros migrantes, inclusive os dos dias atuais. Sendo assim, o que seria uma vida severina? Onde elas estão? Que histórias de resistência carregam consigo?

Assim, os integrantes serão convidados a saírem a campo, recolhendo depoimentos à distância de parentes e conhecidos, enfim, vozes que se relacionam com a “vida severina”. Os depoimentos e entrevistas podem se realizar via celular, chamadas telefônicas ou até pessoalmente. Sugere-se que essa investigação seja registrada com *prints* das imagens e áudios (desde que com permissão das pessoas), mas também desenhos, anotações pessoais etc. O material produzido pode originar uma exposição aberta à comunidade, um livro e até uma página na rede social, depois de uma roda de conversa na qual possam conectar saberes entre vida real e história em quadrinhos.

RECURSOS COMPLEMENTARES

Morte e Vida Severina — álbum

Compositores: Airton Barbosa; Chico Buarque; João Cabral de Melo Neto. São Paulo: Philips, 1966.

No disco, Chico Buarque musicou o poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Ouvir as músicas do álbum pode sensibilizar os leitores para a exploração da obra.

Morte e Vida Severina — teleteatro

Direção de: Walter Avancini. Produção de Luiz Carlos Laborda. São Paulo: TV Globo, 1981. (60 min).

Teleteatro musical produzido em 1981, com versos de João Cabral de Melo Neto e música de Chico Buarque. A produção pode ser vista ao final da leitura do livro a fim de estabelecer aproximações e distanciamentos da história em quadrinhos.

Narrativas gráficas — livro

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**. São Paulo: Devir, 2013.

Neste livro, Will Eisner aborda os princípios e as funções de uma narrativa, com destaque à interação palavra-imagem em quadrinhos, mas também nas narrativas cinematográficas e televisivas. O autor fala da sua própria prática de quadrinista e de outros importantes artistas das histórias em quadrinhos como Art Spiegelman, Al Capp, Milton Caniff e Robert Crumb.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a)**: mediação e formação de leitores. Tradução: Dolores Prades. São Paulo: Selo Emília/Solisluna Editora, 2024.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução: Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.